

a morte da política 2

Freud tinha a política como uma das profissões impossíveis¹. A arte de fracassar em compor diferenças em conflito. Como botar a colher em briga de marido e mulher, tudo que atender um lado será sempre contestado por outro. Esta descrição, contudo, se aplica só à democracia. "A pior forma de governo, tirando todas as outras", segundo Churchill. Nela, o governo *está* no poder mas não tem o poder, visto que representa a nação inteira. Precisa considerar pontos de vista incompatíveis sobre o bem comum. Ganha a maioria, mas a minoria não deixa de ter voz e voto. E esmagar a oposição não é uma opção. Qualquer outro regime, que não seja representativo, será a imposição sobre o resto da população do ponto de vista único daquele(s) que *tem* o poder. Toda dissidência será castigada. A tirania equivale a impor a ditadura do *Um*, o reinado do *mesmo*. Com a neutralização da diferença, assassinamos *a política propriamente dita*.

Fazer política significa ter de se haver com o *dois*. Embora também tenha o *uno* no horizonte² ("união" e "unidade" entre *todos* os brasileiros são *sempre* as palavras de ordem dos partidos políticos), a democracia nunca deixará de ter entalado na garganta o outro que arruina a harmonia sonhada. Quando a alternância democrática do poder se interrompe, podemos ter certeza que algo está corrompendo o sistema político. *O um é o fim da política* –tanto no sentido da sua finalidade (impossível) como do seu final (sempre provável). Quando se impõe o regime do um-sem-o-outro, a política emperra e entramos na ditadura. Estou dizendo que a tirania *não* é uma forma política entre outras: é a morte da política.

Mas existe outra tentativa desesperada do *uno*, o *amor*.

¹ As outras duas eram educar e psicanalisar.

² Digo isso no mesmo sentido em que se diz que a vida tem a morte no horizonte: se chegar lá, está terminada. É de fato uma afirmação paradoxal.

Ao menos, é o que Freud pensava. E a *vox populi* também: "fazer de dois um", "procurar a alma gêmea", "encontrar a cara metade". A diferença não tem lugar no amor, mas sim no *ódio*, que seria a vontade de extinguir o outro. Politicamente, o ódio é "nós, sem eles", apagamos a diferença para guardar apenas o mesmo. Já o *desejo* existe apenas na e pela diferença. Podemos amar o mesmo, mas *desejamos (pel) o diferente*. Pensar o amor sob o regime do dois —é minha proposta aos psicanalistas e à psicanálise³—, equivale a juntar amor e desejo, precisamente aquilo que o neurótico separa. A neurose faz no plano familiar a mesma operação que a ideologia faz no plano social: tentar impor *o um sem o dois*.

Não existe ideologia que não opere uma *segregação*: defina-se um "ismo" qualquer e estará instalada uma operação segregativa dos que não fazem parte da classe. Para citar um clássico, ponhamos o *racismo*: a tentativa de fazer *uno* da raça branca, excluindo os não-brancos definidos como raça⁴. Conhecemos o nome do protótipo do não-branco, é o preto. Denominação pejorativa, que se refere à diferença rejeitada. A substituição da palavra "preto", declarada politicamente incorreta, por "negro", não muda nada. Finge-se que está superada a segregação de sempre, mas a censura sobre o nome apenas oculta que os agora denominados "negros" permanecem no papel de outro dos brancos. Não basta levantar a bandeira dos excluídos, enquanto não for *subvertida* a ideologia do mesmo por uma política da diferença, permaneceremos racistas, independentemente da nossa bandeira, partido político, fenótipo, gênero ou saldo bancário.

Costuma se dizer que fazer política é implementar uma ideologia. Não concordo. Faz-se política *apesar* da ideologia, não graças a ela. Nunca é, mas um programa político deveria ser lógico, não ideológico. A ideologia tem a ver com o amor, o amor do uno. A palavra de ordem "igualdade", por exemplo,

³ Escrevi um livro para pensar isso: *Do amor louco e outro amores*, 2014. São Paulo: ed. Instituto Langage.

⁴ O conceito de raça é falso, tanto antropologica quanto biologicamente, mas como ficção teórica tem decidido práticas políticas com o resultado que sabemos.

apesar de soar muito libertadora, é bem repressiva, visto que serve principalmente o projeto de instalar o mesmo eliminando a diferença. Para ser bem claro: *não estou falando da igualdade do cidadão perante a lei*, sobre a qual se apoia, desde a revolução francesa, a política (ou seja, a democracia). O cidadão –componente da cidade, da *polis*, em cujo nome se faz *política*– não é igual mas *neutro*. Ele não possui outra qualidade que a de ser o "sujeito do direito". A sua é a igualdade do *neutro*⁵. Ele conta como um, mas é o um do *um-entre-outros*. Apenas um voto, e um voto apenas. *Não é a ele que me refiro* quando afirmo que a ideologia liquida a diferença. A ideologia visa o um sozinho, o *um do uno* que fecha uma totalidade, uma completude esférica, sem frestas, deixando *o outro do lado de fora*. Contra isso, proponho a política de fazer um ou mais furinhos na esfera ideológica.

A defesa ideológica da *igualdade* é um ataque contra a diferença. É o próprio discurso da igualdade que instala a diferença como algo a ser corrigido ou apagado. Demonizar o outro é obra do uno. Pregar a igualdade para melhor eliminar o diferente em nome de defendê-lo é a antipolítica do mesmo. É a idealização das castas como organização social. Promover a igualdade entre homens e mulheres equivale a dizer que a diferença, suporte e motor do desejo, é ruim e deve ser expurgada. Já a pregação pela igualdade entre as raças, em nome de compensar a injustiça histórica da escravidão, sofre de dois defeitos de *lógica*. Primeiro, afirma o conceito de raça, em vez de desconstruí-lo como o pseudoconceito que é. Segundo, afirma, negando-a, a diferença que pretende supostamente fazer desaparecer.

O limite da política é o ódio do diferente, que arruina o projeto de instalar a igualdade para todos. A política só pode ser *política da diferença*. Da diferença como motor do desejo, não da diferença que deve ser negada para instalar o único. Por ser "da diferença", a prática política sempre estará afetada

⁵ O português não tem gênero neutro marcado na gramática, como o espanhol, que diferencia o *el*, masculino, o *la*, feminino e o *lo*, neutro. Iguais direitos quer dizer, tratar e pensar o cidadão como *lo*, não como ela ou ele. Quando a jovem feminista abre a palestra cumprimentando "todos e todas", não sabe que está operando uma ideologia segregativa, ou seja, aprofundando a discriminação que pretende superar.

pelo mal-estar, visto que deve lidar com o ódio. Insisto: defender a cidadania só pode significar fazer valer legalmente os direitos e os deveres do cidadão *neutro* nas cidades –onde "neutro" significa sem sexo, raça ou status social. E a política, se querem chamá-la assim, de "ação afirmativa", só pode ser uma política que faça valer a diferença como tal frente ao projeto impossível do uno. Nesse sentido, terem promulgado um Dia da Consciência Negra, um Dia da Mulher ou um Dia do Orgulho Gay representa o triunfo da ideologia sobre a política.

Porque a política não é uma esfera mas uma *elipse* com dois centros. O centro visível do amor pelo meu partido ideológico (ou meu time do coração) que tende ao uno, e o centro virtual do ódio dos meus inimigos que empurra para o zero (Palmeiras pode querer ganhar do Corinthians, mas se o extinguir, não terá com quem jogar). É verdade que em política temos inimigos. Meus adversários políticos, aqueles que eu quero fora do poder –jamais aceitaria ser governado por eles. Mas é precisamente em nome da política, isto é, da democracia, que preciso cuidar para eles permanecerem ali bem representados. Caso contrário, caso conseguisse fazê-los desaparecer, eu me perderia junto –desapareceria sob a tirania do uno. Partido único é um contrasenso. A palavra mesma indica que precisa haver pelo menos dois.